

A repartição do *eu* como estratégia literária: As diversas (inter)subjetividades construídas no conto ‘Borges e Eu’ do escritor Jorge Luis Borges

*The parition of the I as a literary strategy:
The various (inter) subjectivities constructed
in the short story ‘Borges and Me’ by writer
Jorge Luis Borges*

113

Ivete Lara Camargos Walty *
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG

Juliane Ferraz Oliveira *
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC/MG

RESUMO: Neste artigo, pretendemos analisar o processo de encenação do eu/*self* como estratégia de construção de significações do texto literário do escritor Jorge Luis Borges, intitulado ‘Borges e Eu’. Frente a esse objeto, assumimos como objetivo demonstrar que o texto literário pode ser compreendido como espaço privilegiado de encenação de operações cognitivas constitutivas do ser humano, no processo de produção de sentido, tais como: construção de si (e do outro) - (inter)subjetividade; espacialização; temporalização e encenação. Para isso, defendemos a tese de que a escrita literária, como um processo de criação estética humana, por meio de construções de cenas contrafactuais, permite a percepção de encenações de fluxos conscienciais, de maneira privilegiada. Com o intuito de atingir o objetivo proposto, adotamos como referencial teórico Brandt (2004), por possibilitar um estudo sobre os processos integrativos que são estruturantes da construção da consciência e da memória humanas, nas práticas de produção de sentido; e Abrantes (2010), que permite compreender o processo de análise literária, ambos em uma perspectiva cognitiva.

* Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) e Pesquisadora 1 C do CNPq.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras - Linguística e Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG) e Bolsista Capes II.

PALAVRAS-CHAVE: Construção de *self*. Identidade. Contrafactualidade. Borges.

ABSTRACT: In this article, we intend to analyze the process of construction the self as a signification strategy from the literary text that can be seen in the production of the writer Jorge Luis Borges in his text *Borges and Me*. Faced with this object, we assume as an objective to demonstrate that the literary text can be understood as a privileged space for the representation of certain categories and cognitive operations constituting the human being, such as: construction of oneself (and of the other) - (inter) subjectivity; spatialization; temporalization; and staging. For this, we admit the hypothesis that literary writing, as a process of human aesthetic creation, through the construction of counterfactual scenes, allows the visualization of representations of consciencial flows that are difficult to be caught in other types of human production. In order to achieve the proposed objective, we adopt Brandt (2004) as a theoretical framework, as it enables a study on the integrative processes that are structuring the construction of consciousness and memory; and Abrantes (2010), which makes it possible to understand the process of literary analysis from a cognitive perspective.

KEYWORDS: Self construction. Identity. Counterfactuality. Borges.

Introdução

Neste artigo, propomos uma reflexão sobre o processo de construção e performance da subjetividade e da intersubjetividade como uma das estratégias de construção de sentido do texto literário, por meio da análise do conto *Borges e eu*, do escritor argentino Jorge Luis Borges.

Como forma de situar esta proposta, é importante observar que a análise aqui empreendida, na interface literária e linguística, quer-se interdisciplinar, na medida em que a concepção de linguagem com que trabalhamos não considera essas abordagens como dicotômicas ou exclusivas. Para conseguir dar conta do objeto a ser analisado, superando a dimensão interpretativa, utilizamos instrumental teórico no âmbito dos estudos Linguísticos e Semióticos Cognitivos, na busca de alguns movimentos recorrentes no processo de produção de sentido do material em estudo, tomado em sua complexidade.

Tendo em vista o dito anteriormente, assumimos como objeto de análise, na elaboração deste artigo, o processo de construção do eu/*self* quando tomado como estratégia da escrita no texto literário, o que pode ser flagrado na

construção da produção de sentido na leitura do texto *Borges e Eu*, do escritor Jorge Luis Borges.

Ao construir e configurar o objeto de análise como uma atividade humana estruturada por meio de certas operações cognitivas básicas, assumimos a tese de que a escrita literária, como um processo de criação estética humana, por meio de construções de cenas contrafactuais, permite uma descrição de encenações de fluxos conscienciais, de maneira particular, privilegiada.

Mais do que a importância de Jorge Luis Borges para a América Latina e para o mundo, por sua vasta produção e genialidade criativa, nossa escolha deve-se à recorrência da temática em pauta em sua obra. Na verdade, mais do que um tema, a encenação da subjetividade é elemento composicional dos contos do escritor argentino, na medida em que sua escrita exhibe uma série de experimentações sobre a teatralidade da vida e da mente humanas¹. Sujeitos, tempos e espaços desdobram-se nos textos e entre os textos, num jogo em que os tabuleiros são montados com o leitor.

Maria Esther Maciel, estudiosa da obra do autor, mostrando como Borges transforma-se em figura literária, afirma:

Chegou inclusive a construir uma ficção de si mesmo, levando para sua vida muitos artifícios construídos pela literatura e ironizando a própria vida. Nesse sentido, jogos, disfarces, burlas e bromas que usou para construir sua obra se estenderam à construção de sua persona (MACIEL In: NOVAES, 2013).

Em vários de seus contos/ensaios, o escritor usa a figura do duplo, inclusive de si mesmo². Essa pluralidade do uno implica em diversidade de espaços e tempos

¹ Para leituras mais profundas acerca da teatralidade da mente, ver capítulo 14, intitulado “From Gesture to Theatricality” do livro “Spaces, Domains, and Meaning” de Brandt (2004); ver também os capítulos 9, 10 e 12, intitulados “Consciência”, “Culturas” e “Sobre a condição humana” do livro “A estranha ordem das coisas” de António Damásio (2018).

² Ver, por exemplo, *O Outro, o mesmo*, livro de poemas em que se desenham figuras diversas do duplo na literatura.

simultâneos, como no conto “O outro”, quando Borges velho encontra-se com o Borges novo e entabulam um diálogo sobre sua(s) vida(s) em um banco com um pé na Suíça e outro no Reino Unido.

- O senhor é oriental ou argentino?
- Argentino, mas desde o ano de 1914 vivo em Genebra - foi a resposta. Houve um silêncio longo. Perguntei-lhe:
- No número dezessete da Malagnou, em frente à igreja russa? Respondeu-me que sim.
- Neste caso - disse-lhe resolutamente - o senhor se chama Jorge Luis Borges. Eu também sou Jorge Luis Borges. Estamos em 1969, na cidade de Cambridge.
- Não - respondeu-me com a minha própria voz um pouco distante. Ao fim de um tempo insistiu:
- Eu estou aqui em Genebra, em um banco, a alguns passos do Ródano. O estranho é que nos parecemos, mas o senhor é muito mais velho, com a cabeça grisalha. (BORGES, 2009, p.15).

As interações espaciais e temporais configuram, simultaneamente, diferentes eus e um cruzamento de subjetividades. Considerando tais transversalidades, Maria Esther Maciel refere-se a uma entrevista concedida por Borges em que ele discorre sobre a possibilidade de uma pessoa elaborar infinitas biografias de si mesmo, com variações de toda espécie.

116

Nos variados jogos composicionais propostos pela obra de Borges³ muitos são os perfis autobiográficos: o de filho na referência explícita à mãe, ou à força da biblioteca paterna, o de argentino ou cidadão do mundo, o de autor e de leitor. Não procure o leitor de Borges, no entanto, estabelecer dicotomias entre esses pares. As imagens de labirintos e espelhos são metáforas/metonímias⁴ a condensarem os perfis delineados, como as que se dão nas trocas entre autor e leitor. É conhecida a posição borgeana de que ele se orgulhava mais dos livros lidos do que dos escritos. A biblioteca é espaço singular na vida e na obra do autor argentino e pode ser imaginada como em uma pintura de Escher, em que

³ A vastidão da obra do autor em pauta bem como de sua fortuna crítica impossibilita referências nominais relacionadas às linhas que norteiam as rotas aqui traçadas.

⁴ Neste momento, utilizamos o conceito de metáfora em seu sentido tradicional, mas deixamos claro que ele será associado a um quadro teórico que compreende a metáfora, mais especificamente, a metaforização, como uma importante operação cognitiva implicada no processo de produção de sentido e na experiência humana de linguagem. A esse respeito ver Brandt (2004; 2020), Fauconnier e Turner (2002), Lakoff e Johnson (1980).

escadas se (des)encontram em rumos diversos. Nesse sentido, vale recorrer a Eneida Maria de Souza (2009) quando discorre sobre o que é chamado de poética da cegueira:

A cegueira de Borges aguça também a prática autobiográfica por meio da construção de associações metafóricas entre a obra e a vida, em que os temas da noite, da biblioteca, do livro e do ofício de escrever se reduplicam na figura do escritor cego. Nasce dessa prática o cultivo da repetição poética, das séries combinatórias que tendem a reincidir, de maneira diferente, em vários momentos de sua obra (2009, p. 51)

Interessa-nos essas repetições, ao lado da fragmentação, da burla nascida dos desdobramentos de sujeitos, tempos e espaços. E é sobre esse jogo de desdobramentos que queremos nos debruçar, pela imperatividade de reconhecer a intersubjetividade a partir de outras perspectivas, menos ligadas a algo estritamente emocional-solipsista. Aqui, nesta escrita, a (inter)subjetividade é característica humana indissociável da experiência de vida e de suas produções intelectuais, manuais, artísticas, vividas e/ou imaginadas. Deixamos claro, então, que configuraremos a intersubjetividade como integrante de toda experiência humana no/com o mundo.

Frente ao objeto de estudo e a partir de um referencial teórico que privilegia o processamento mental na produção de sentido, assumimos como objetivo demonstrar que o texto literário pode ser compreendido como um espaço privilegiado para a encenação de operações cognitivas constitutivas do ser humano, tais como: construção de si (e do outro) - (inter)subjetividade; espacialização; temporalização; e encenação.

Campo dos estudos cognitivos em que este texto se insere: semiótica cognitiva e poética cognitiva

Em seu texto 'What is Cognitive Semiotics?', Brandt (2019) nos propõe algumas perguntas para que compreendamos o que seria o campo da Semiótica Cognitiva

e quais interesses de pesquisa esse campo consegue abarcar. A partir do mote “É possível aplicar a ideia de uma abordagem científica para a realidade da qual a imaginação humana é feita?”, o autor tenta responder a questões básicas sobre como conceberíamos aquilo que pertenceria ao domínio da realidade, coisas que podem ser *conhecidas* factualmente, mas não somente a este domínio, também ao domínio da imaginação e, ainda, como algo comum à imaginação e à experiência. Tentando encontrar padrões de significação compartilhados por nossos coespecíficos, Brandt (2019), baseado nos modos como o significado é concebido pela linguagem, pela arte, pensamento, práticas sociais e fundamentado nos modos como a mente humana e os meios de comunicação humana podem funcionar, propõe princípios teóricos básicos que nos permitem investigar aquilo que há de constante e que é subjacente ao processo de produção de sentido, sempre em termos de operações cognitivas.

Mais adiante, no mesmo texto, o autor assume que uma ciência que conseguiria dar conta de todos os fenômenos que compõem as questões acima mencionadas seria aquela que conectasse estudos cognitivos e estudos semióticos, por isso, a tentativa de construir e configurar o campo de estudos da Semiótica Cognitiva. Nesse momento, Brandt (2019) descreve o significado, ou melhor a significação como objeto de interesse deste campo dos estudos cognitivos.

Significado é a base ontológica desse projeto; ele se refere aos conteúdos da mente humana (e àquilo que pode ser conhecido sobre seu *cérebro hospedeiro*) e isso se refere à existência de uma esfera das redes comunicativas no mundo da mudança intersubjetiva e do discurso social em um amplo sentido. Nesse sentido, significado é o objeto necessário de uma Semiótica Cognitiva.⁵ (BRANDT, 2019, p. 1. Tradução livre).

O que fica evidente é uma proposta de estudos que leve em conta a estrutura *cognitiva* interna de um *pensamento*, o modo como construímos uma história,

⁵ Meaning is thus the ontological basis of the project; it refers to contents of the human mind (and to what may be known about its hosting brain); and it refers to the existence of a sphere of communicative networks in the world of intersubjective exchange and social discourse in a broad sense. In that sense, meaning is the necessary object of a cognitive semiotics – an ambitious project to develop as a scientific discipline of disciplines.

uma descrição, uma narrativa, uma emoção complexa etc. e o modo como organizamos as expressões externas dessas e de outras interpretações, que têm sua própria lógica comunicativa *semiótica*.

Ao definir o objeto de interesse da Semiótica Cognitiva, Brandt (2014) afirma que “O que torna a semiótica *cognitiva* é o facto de que ela já não considera o discurso como a sua base ontológica, mas antes pretende ir mais além, analisando a arquitetura geradora de significado da mente humana e da consciência: a *cognição*.” (BRANDT, 2014, p. 323). Um pouco mais adiante, o autor completa: “A semiótica cognitiva ocupa-se do que é humano, ontologicamente, em todos os registros, a partir de todas as metodologias, as disponíveis e as que hão por vir.” (BRANDT, 2014, p. 325).

Resta claro, então, que a Semiótica Cognitiva é uma corrente teórica de estudos que se ocupa de processos subjacentes à produção de sentido humana. Assim, o discurso cumpre o papel de uma porta, importante e privilegiada, de acesso às operações cognitivas mobilizadas na significação, mas não a única. O processo evolutivo humano, nesse sentido, demonstra uma passagem cumulativa da mente cognitiva para a mente comunicativa, a primeira sendo responsável pelas condições iniciais de desenvolvimento, representando centelha e potencialidade comunicativa. Já a segunda seria responsável pelos processos comunicativos tangíveis e possíveis de serem flagrados materialmente. Assim, o autor afirma ter surgido primeiramente uma sintaxe sem palavras ou semio-sintaxe, que funciona como uma espécie de *design* para esquematizações mais dinâmicas como situações, cenários, eventos etc. (BRANDT, 2004).

De acordo com o autor, para além de suas manifestações externas como a linguagem e a gestualidade, os pensamentos são acessíveis aos seus pensadores como diagramas mentais, topologias imaginárias. As palavras funcionam como gatilhos que acionam caminhos mentais para seleção e classificação de

fronteiras, fluxos, ligações etc. que a arquitetura mental combina. O que essas configurações mentais fazem, de acordo com Brandt (2019), é montar esquemas e modelos mentais. Assim, quando nós descrevemos nossas configurações e construções imaginárias, as sentenças da linguagem aproximam-se iconicamente, deixando claro que as expressões linguísticas têm como função estimular o pensamento. “Consequentemente, as palavras são, na verdade, reusadas na sintaxe; seu primeiro uso foi topológico e, então, a linguagem assume sua significação, frequentemente acompanhada pelos diagramas expressos ou gestos do discurso.” (BRANDT, 2019, p. 86-87).

Afirmamos, então, que essa área do conhecimento nos obriga a analisar os objetos de estudo, como se por meio de uma câmera lenta, que intenciona refazer os passos do processo de significação, em uma perspectiva de ponto de chegada \leftrightarrow ponto de partida; Isso se dá como em um ‘rebobinamento’ da construção de sentidos frente a determinado objeto, ou seja, partindo do efeito de sentido para os processos implicados na produção de sentido. É claro que, em um artigo escrito com base em estudos linguísticos, a forma de acesso às operações cognitivas se institui por meio da palavra. É preciso dizer que Brandt (2019) reconhece a importância das palavras como forma de acesso à arquitetura do pensamento:

Se as palavras, e não as sentenças, são, portanto, os principais conectores da linguagem e do pensamento, a arquitetura geral das estruturas linguísticas, incluindo a semântica e a sintaxe, deveria estar centrada em torno da ‘janela’ lexical da mente pensante, e os modos semióticos da linguagem e dos usos dos signos podem, então, ser descritos por arquiteturas semelhantes, diretamente conectadas à própria mente figurativa (BRANDT, 2019, p. 79-80).

Adotar tais pressupostos como base teórica principal da escrita deste artigo significa acreditar que é preciso olhar as produções estéticas literárias sob o viés cognitivo⁶, a fim de compreender as múltiplas possibilidades

⁶ A esse respeito ver também ensaio acerca da relação entre narratologia e cognição de David Herman (2010), em seu texto “Directions in Cognitive Narratology: Triangulating Stories, Media, and the Mind.” *Postclassical Narratology: Approaches and Analyses*, edited by JAN

interpretativas não como uma característica inerente às palavras ou ligada ao contexto, mas como um índice do que é a vida humana: intersubjetiva, complexa, compartilhada, multifacetada e sempre passível de novas significações.

Dentro desse campo de estudos é que definiremos o conceito de intersubjetividade adotado para a análise do conto. Antes de ser manifestação linguística material, a intersubjetividade é a maneira como o ser humano reconhece a si mesmo em relação aos seus coespecíficos. Assim, a intersubjetividade é sempre relacional, é a construção de si por meio de processo especular, interacional, ainda que virtual, com o outro. Não é um processo que se dá prioritariamente de maneira contrapositiva, apesar de poder ser também, é mais um movimento de reconhecer o outro, porque reconhece a si, e reconhecer a si, porque reconhece o outro, sendo sempre um fluxo complexo e retroalimentado. Nesse sentido, vale recorrer a Margarida Abrantes, estudiosa da Poética cognitiva, quando afirma:

121

Uma outra característica importante para a representação do self consciente é a conceptualização de outros selfs igualmente conscientes, de suas experiências, as quais podemos deduzir serem equivalentes às nossas, a partir de nossas interações comunicativas mútuas e trocas semióticas; particularmente relevante é a nossa representação mental de como os outros se representam conceptualmente. Essa é uma manifestação da teoria da mente ou da intersubjetividade. Envolve o feito conceptual de manter nossa perspectiva sobre a nossa experiência, ao mesmo tempo em que muda conceptualmente a perspectiva do outro externo (nosso interlocutor relevante)⁷ (ABRANTES, 2010, p. 10).

ALBER and MONIKA FLUDERNIK, Ohio State University Press, COLUMBUS, 2010, pp. 137-162. *JSTOR*. In: www.jstor.org/stable/j.ctt1kgqw6k.9.

⁷ One further important feature for the representation of the conscious self is the conceptualization of other equally conscious selves, of their experiences, which we can infer being equivalent to our own from our mutual communicative interactions and semiotic exchanges; particularly relevant is our mental representation of how others conceptually represent ourselves. This is a manifestation of theory of mind or intersubjectivity.⁵ It involves the conceptual feat of holding our perspective over our experience, while at the same time conceptually shifting to the perspective of the external other (our relevant interlocutor).

A autora afirma ainda que esse é um processo comum e difundido na espécie humana, mesmo que elaborado e cognitivo. Exemplo disso seria a construção "Se eu fosse você", que modela nossas ações e comportamentos para atender ou desafiar as reações esperadas ou antecipadas de outras pessoas. Essa base mimética da construção do conhecimento dá-se a ver também na experiência da arte visual, quando se olha para o referente e, ao mesmo tempo, olha-se para o artista olhando para o referente. Esse procedimento é evidenciado, também, quando se participa do jogo mental que é a literatura.

Somos capazes de perceber que a intersubjetividade é característica constitutiva do ser humano, que subjaz à relação desse ser com o mundo e com o outro. Por meio de manifestações linguísticas ou de outras semioses, a intersubjetividade emerge como um elemento ubíquo no pensamento, na linguagem e nas interações humanas. Mesmo que seja um processo complexo e sofisticado, envolvendo agentividade e espaço-temporalização, a intersubjetividade é elemento básico da produção de sentido humana. É preciso dizer que a dimensão intersubjetiva, neste artigo, é observada a partir das emergências presentes na manifestação linguística no texto em análise. Para isso, observaremos marcas de pessoalização, bem como da construção de perspectiva subjetiva por meio de marcas de tempo e localização espacial.

Por assumir o desafio de análise do fenômeno da intersubjetividade/construção de *self*, encenado no texto literário, em uma perspectiva cognitiva, este artigo tem forte inspiração nos estudos da Poética Cognitiva. Mas o que seria exatamente uma Poética Cognitiva? Estaria esse campo de estudos ligado às capacidades cognitivas humanas como sendo obras de arte literárias do destino, alguma ordem lírica do existir humano, a poesia do *cognoscere* do ser ou seria pura e simplesmente a redução de estudos do campo da Literatura a algumas poucas operações cognitivas?

As leituras feitas sobre aspectos cognitivos da experiência estética nos permitiram enquadrar os estudos da Poética Cognitiva como um campo que intenciona propor estudos no âmbito da Literatura, que levem em conta processamentos cognitivos implicados na experiência estético-literária e que nos possibilitem olhar os efeitos de sentido não somente a partir de ações puramente subjetivas ou puramente sociais, mas como emergência de um processo de significação que implique pelo menos três aspectos da vida humana: a filogenia, a ontogenia e a sócio-historicidade.

Este campo do conhecimento propõe, então, um estudo que, tomando o texto literário como artefato cultural, leve em conta as contribuições das chamadas Ciências Cognitivas para o campo da Literatura vista, então, em seu caráter processual. Sob esta perspectiva, compreende-se que a literatura possibilita não só formulações mais eloquentes, mas é, ela própria, uma forma diferente de conhecimento e de partilha deste saber.⁸ (ABRANTES, 2019).

Este é um princípio central da vertente dos Estudos Literários que se tornou conhecida como Poética Cognitiva ou Estudos Literários Cognitivos. Nesta perspectiva, os textos são entendidos como portadores de significados negociados, como instrumentos de expressão e de estímulo de conteúdo mental. Além disso, implicam uma dimensão estética que os distingue das formas pragmáticas de inteligibilidade linguística. Estudar a literatura com uma agenda cognitiva levou a uma variedade de tópicos de investigação, que vão desde a imaginação e formação do mundo, intersubjetividade e teoria da mente, a estrutura metafórica dos textos literários, emoção e empatia, ou a emergência do significado na leitura. Em cada uma destas áreas, é o texto, o leitor, o autor ou o contexto o que alternadamente ocupam o lugar central da análise. A proliferação de tópicos é acompanhada pela diversidade de nomes encontrados para esta área de investigação onde o estudo da literatura, a análise da linguagem e a preocupação com a mente convergem (ABRANTES, 2019, p. 2-3).

É preciso colocar em jogo, nesse momento, a concepção de Literatura adotada por quem utiliza a Poética Cognitiva como fonte teórica de base. Isso faz com que, por exemplo, abra-se mão de conceituações que levem em conta somente o texto como um produto ou somente o texto como registro, sincrônico e

⁸ Uma possibilidade investigativa seria relacionar o aspecto dessa partilha com os estudos de Jacques Rancière, por exemplo, em *A partilha do sensível* (2005).

diacrônico, da ação histórica e social do ser humano. Aqui, há a compreensão de que a Literatura é um fenômeno que resulta de aspectos da evolução humana e, como tal, ela nos permite nos conceber enquanto uma espécie simbólica que compartilha/co-constrói o pensamento por meios diversos. Por extensão, acreditamos que a Literatura, assim como toda produção artística, é lugar privilegiado de observação da emergência de nossa intersubjetividade.

De acordo com esse quadro teórico, a Literatura pode ser compreendida a partir de um duplo *index*: histórias do texto e histórias da vida/ da existência. Isso significa que nosso processo interpretativo frente a qualquer material literário pode ser, e é, especular, ou seja, eu sei que o outro sente/entende/vê/pensa porque eu também sinto/entendo/vejo/penso.⁹ (ABRANTES, 2019).

É claro que, na produção literária, estamos criando cenários contrafactuais, o que pode se manifestar pela forma com que nós empatizamos com as personagens, nós nos afetamos, mas sabemos que esse estado é fruto de uma encenação ‘como se...’ O que significa dizer que nós nos construímos ‘entrando’ e ‘saindo’ de determinado estado emocional, por meio da projeção de cenários a partir do aqui-agora factual, mas que não é esse aqui-agora, é projeção/construção de tempo-espaço (espaço-temporalização) ficcional. Nesse sentido, pode-se empreender uma outra reflexão, levando em consideração a expressão “como se” cunhada por Wolfgang Iser (2002). Isso porque essa experiência, fundamental na construção do fictício, é também base da construção do conhecimento pelo homem em seu estar no mundo, como já observamos na referência ao processamento mimético.

Encampamos a tentativa de compreender a capacidade do ser humano de ficcionalizar, ou seja, mais que estruturar, em uma perspectiva estética, uma camada diferente da realidade compreendida como factual (realidade em uma

⁹ É nesse espaço que a metáfora, sobretudo as do espelho e do labirinto, apresenta-se como um nó que junta seu conceito tradicional de figura literária com seu potencial de processamento cognitivo.

perspectiva pragmática), situar-se no mundo construindo sentidos. A construção literária, talvez, seja a manifestação mais clara desse processo, e daquilo que nos diferencia de outras espécies animais: o pensamento metafórico, característica constitutiva que permite que o ser humano experiencie níveis conscienciais diversos, por exemplo, consciência do aqui-agora, com projeções para o passado e para o futuro, e a consciência de ser consciente.

A subjetividade como uma experiência multipartida em borges

Nesta seção, encontra-se o processo de análise do *texto literário* selecionado, a partir do quadro teórico construído. Reiteramos o fato de que não propomos redes interpretativas possíveis frente ao texto *Borges e eu*, mas, sim, tentamos reconstruir movimentos e flagrar operações cognitivas mobilizadas no momento da produção de sentido frente ao texto.

Conhecendo o texto e construindo o objeto de análise

Nesse primeiro momento, compartilhamos o texto de Jorge Luis Borges, para que o conheçam/releiam, antes de acompanhar nosso percurso analítico, ou criar seus próprios caminhos interpretativos.

Borges e Eu - Jorge Luis Borges

Ao outro, a Borges, é que sucedem as coisas. Eu caminho por Buenos Aires e me demoro, talvez já mecanicamente, para olhar o arco de um vestíbulo e o portão gradeado; de Borges tenho notícias pelo correio e vejo seu nome em uma lista tríplice de professores ou em um dicionário biográfico. Agradam-me os relógios de areia, os mapas, a tipografia do século XVIII, as etimologias, o gosto do café e a prosa de Stevenson; o outro compartilha essas preferências, mas de um modo vaidoso que as transforma em atributos de um ator. Seria exagerado afirmar que nossa relação é hostil; eu vivo, eu me deixo viver, para que Borges possa tramar sua literatura, e essa literatura me justifica. Não me custa nada confessar que alcançou certas páginas válidas, mas estas páginas não podem salvar-me, talvez porque o bom já não seja de ninguém, nem mesmo do outro, mas da linguagem ou da tradição. Além disso, eu estou destinado a perder-me, definitivamente, e só algum instante de mim poderá sobreviver no outro. Pouco a pouco vou cedendo-lhe tudo, embora conheça seu perverso costume de falsear e magnificar. Spinoza entendeu que todas as coisas querem perseverar em seu ser; a pedra eternamente quer ser pedra e o tigre um tigre. Eu permanecerei em

Borges, não em mim (se é que sou alguém), mas me reconheço menos em seus livros do que em muitos outros ou do que no laborioso rasqueado de uma guitarra. Há alguns anos tentei livrar-me dele e passei das mitologias do arrabalde aos jogos com o tempo e com o infinito, mas esses jogos agora são de Borges e terei que imaginar outras coisas. Assim minha vida é uma fuga e tudo eu perco e tudo é do esquecimento, ou do outro. Não sei qual dos dois escreve esta página.

Conto de "O Fazedor" (tradução de Josely Vianna Baptista), incluído em "Jorge Luis Borges - Obras Completas II", Editora Globo.

Neste momento, é importante dizer que o texto *Borges e Eu* faz parte de um livro que tem como título *O fazedor*¹⁰, o que reforça a ideia agentiva em relação à própria produção. Além disso, robustece a característica contrafactual das produções literárias, já que nos permite construir a ideia de que algo está sendo criado de forma imaginativa. Podemos, pois, construir sentidos que permitam compreender este fazedor como alguém que costume falsear e magnificar, para usar palavras do próprio Borges.

Neste momento, é preciso dizer que a Literatura, como atividade estética, e as Ciências Cognitivas, como corrente epistemológica e metodológica, parecem convergir para uma abordagem investigativa que se preocupa muito mais com o COMO do que com O QUÊ. Isso não significa dizer que ambas abrem mão de compreender as temáticas mais diversas abordadas, mas significa que a forma/o modo de apresentação de certas temáticas interessam muito mais do que aquilo que o conteúdo pauta.

Olhar para um texto como *Borges e Eu* nos coloca frente a este desafio: preocuparmo-nos mais com a maneira como são mobilizados certos temas, do que com os próprios temas. Assim, não se trata de traduzir o texto em estudo e significá-lo como uma produção sobre o dilema entre o autor empírico e sua *persona* criativa com desdobramentos até mesmo jurídicos, pelo contrário...

¹⁰ Interessante apontar que a palavra poeta, de *poiesis*, significa aquele que faz, o que marca a capacidade criativa do ser humano explicitada pela arte.

Frente ao texto *Borges e eu*, criamos, com Borges, uma cena que só é possível por ser contrafactual e, ao mesmo tempo, estruturada a partir da factualidade da vida, do aqui-agora do existir, ou seja, extrapolamos e projetamos mundos somente possíveis, a partir de uma base experiencial. Quando vencemos as camadas empíricas do processo de significação, encenamos *selves* diferentes que convergem para uma mesma e única identidade, a do *eu-borgiano*.

Parece que frente ao texto em análise conseguimos repartir o *EU* que está ali sendo mobilizado em pelo menos dois: um *eu* que, projetivamente, se enuncia como vivendo em um plano mais imediato e experiencia a vida de maneira mais encarnada na narrativa, e um *eu* que é virtualização dessa experiência primária, extrapolando as vivências de ordem mais factual, criando mundos (im)possíveis de existirem em um primeiro plano da experiência humana. Como podemos ver em “eu vivo, eu me deixo viver, para que Borges possa tramar sua literatura, e essa literatura me justifica. ... Além disso, eu estou destinado a perder-me, definitivamente, e só algum instante de mim poderá sobreviver no outro.”

Desde o início do seu texto, Borges nos convida a construí-lo em uma relação contrastiva consigo mesmo, para isso, o autor utiliza construção linguística que demonstra a bipartição do seu *self*, constituindo-se em termos do ‘eu’ e do ‘outro’. Para isso, a primeira estratégia é descrever-se a partir dos elementos linguísticos ‘eu’, ‘outro’ e ‘Borges’. O ‘eu’ relaciona-se de forma contrapositiva com ‘Borges’. ‘Borges’ é construído sob o viés da performance, da atuação como escritor, do falseamento, enquanto o ‘eu’ é configurado em termos das experiências simples e dadas como genuínas, da personalidade, daquilo que é tido como mais íntimo e verdadeiro.

Somos capazes de perceber que o enunciador é, a um só tempo, um e outro, pronome em primeira e terceira pessoas¹¹. Vejamos: “Ao outro, a Borges, é que

¹¹ Importa lembrar que Benveniste atribui à terceira pessoa o estatuto de não pronome.

sucedem as coisas. Eu caminho por Buenos Aires e me demoro, talvez já mecanicamente, para olhar o arco de um vestíbulo e o portão gradeado”. Além disso, há um processo de construção espacial, localizando esse ‘outro’ como alguém distante de si ‘ele/o outro/lá/longe e o ‘eu’ como próximo ‘aqui/agora/perto’. Tanto que a experiência de ‘Borges/outro’ vem por meio de elementos menos pessoais, mediados por outros, notícias de correio, informações de listas etc.: “[...] de Borges tenho notícias pelo correio e vejo seu nome em uma lista tríplice de professores ou em um dicionário biográfico.”

O processo de construção do *self* está imbricado no processo de experiência de ser consciente. Assim, a construção da própria subjetividade que sempre é intersubjetiva, por ser construída de maneira conjunta e compartilhada, revela-se sempre como uma rede e nunca como um bloco compacto de sentido único. A construção do *eu* manifesta-se, então, como construção de *eus*. Essa construção de *eus/selves* é um processo de formação de consciência de si e do mundo, e de si co-construindo si mesmo e o mundo. De acordo com Abrantes (2010), “Consciência envolve a consciência de perceptualmente avaliar a realidade, dos objetos e dos outros, dos conteúdos da imaginação, e uma consciência sobre a consciência, ou melhor, sobre experienciar a consciência: em outras palavras, o sentido de si.”¹² (ABRANTES, 2010, p. 8. Tradução livre).

A consciência também possui a particularidade de ser meta-referencial: nós não só somos conscientes do fenômeno, nós também somos conscientes de que somos conscientes desse fenômeno. A linguagem não é arbitrária aqui: nós não dizemos que nossa consciência é consciente em si mesma, mas, sim, que *nós somos* conscientes de sermos conscientes. Em outras palavras, esse *loop* meta-reflexivo é subjetivo (no sentido de que tem um sujeito - nossos *selves*) e agentivo, na medida em que podemos acomodar a ideia de que ter uma experiência é uma ação de algum tipo. Esse sujeito agentivo é também temporalmente fundado; a noção de passado e de futuro são importantes para dotar esse sujeito com continuidade e unidade da experiência. Essa temporalidade é um elemento fundamental que separa a consciência primária, sempre fincada no presente, mesmo se o presente recruta experiências passadas para

¹² Consciousness involves the awareness of perceptually available reality, of objects and others, of the contents of imagination, and an awareness about that awareness, or rather about the experienter of that awareness: in other words, a sense of self.

fazer sentido em cada momento (a ideia de consciência primária como *'remembered present'* de Edelman, 2004, p. 8) e consciência de ordem superior, que é reflexiva, envolvendo a representação de um *self* consciente de sua própria consciência, hábil para recordar as experiências passadas e sua própria consciência enquanto experiência e para formular intenções e planos para o futuro, representando a si mesmo como agente consciente dessas experiências futuras. Um conceito de tempo sequencial é então requerido para a representação de um *self* consciente.¹³ (ABRANTES, 2010, p. 9. Grifos da autora. Tradução livre.).

O processo de construção do *self* fica evidenciado como algo, até certo ponto, consciente, o que vai ao encontro do fato afirmado por Abrantes (2010): somos conscientes de sermos conscientes. A produção borgeana potencializa esse traço de consciência constitutivamente humana, em uma meta-referencialidade. O trabalho com tempos e espaços diversos na construção do conto evidenciam a mobilização de ambas as categorias na construção de *selfs* variados como estratégia estético-literária. Borges encena a si, falando sobre si mesmo 'eu' e falando sobre outro eu 'ele'/'Borges'/etc., no aqui-agora e no lá-depois. Para isso, o autor mobiliza tempos verbais que indicam passado, presente e futuro, bem como advérbios que remetam a esses três tempos linguísticos. Vejamos o trecho com os destaques: "Há alguns anos tentei livrar-me dele e passei das mitologias do arrabalde aos jogos com o tempo e com o infinito, mas esses jogos agora são de Borges e tereí que imaginar outras coisas. Assim minha vida é uma fuga e tudo eu perco e tudo é do esquecimento, ou do outro. Não sei qual dos dois escreve esta página."

¹³Consciousness also has the particularity of being meta-referential: we are not only conscious of phenomena, we are also conscious *that* we are conscious of those phenomena. Language is not arbitrary here: we do not say that our conscious is conscious of itself, but rather that we *are* conscious of being conscious. In other words, this meta-reflexive loop is subjective (in the sense that it has a subject - our selves) and agentive, in as far as we can accommodate the idea that having an experience is an action of some kind. This agentive subject is also temporally deep; the notion of past and future are important to endow this subject with continuity and unity of experience. This temporal is a fundamental element that separates primary consciousness, forever trapped in the present, even if this present recruits past experience to make sense of each single moment (Gerald Edelman's ideia of primary consciousness as the "remembered present", 2004:8) and higher-order consciousness which is reflexive, involving the representation of a self aware of its own consciousness, able to recall past experiences and his own awareness while experiencing them, and to formulate intentions and plan out the future, representing himself as the conscious agent of those future experiences. A concept of sequential time is therefore required for the representation of a conscious self.

A construção e compartilhamento de si é um fenômeno comum e corriqueiro na vida humana. O que a produção artística faz é lançar luz sobre essa existência e aumentar de forma exponencial as possibilidades interpretativas frente a ele. Uma das maneiras de torná-lo evidente é sua tematização nos discursos e diálogos. Na escrita deste artigo, compreendemos que, frente ao texto literário, de forma intencional/consciente ou não, somos capazes de potencializar o protagonismo da construção de diversas intersubjetividades de forma especular e colaborativa/contrastiva, aqui compreendidas como repartição do *eu*.

Percebemos em todo o texto que, pelo menos, duas personagens diferentes são criadas, personagens que se afastam em muitos momentos e se completam e se atravessam em outros. De forma reflexiva e refratária, construímos dois Borges para construirmos um. “Eu permanecerei em Borges, não em mim (se é que sou alguém)”. Nesse excerto, há uma clara fusão entre o ‘eu’ e o ‘Borges’, mas essa fusão é complexa, já que nos convoca a mobilizar pessoas, tempos e espaços diferentes para compreender que Borges é e não é si mesmo. Ele é o ‘eu/aqui/agora/em si’ e o ‘Borges/lá/depois/antes/no outro’. Outro excerto em que essa relação pode ser facilmente explicitada é: “[...] eu vivo, eu me deixo viver, para que Borges possa tramar sua literatura, e essa literatura me justifica”. Podemos perceber que o ‘eu’ nunca deixa de ser si mesmo para ser ‘Borges’, ele é ‘Borges’ também, ainda que em alguns momentos não o seja.

É preciso dizer que essa repartição do *eu* não se dá como separação completa de polos opostos na construção do próprio *self*. Como fica claro no decorrer da escrita, o que estamos chamando de repartição do *eu* deve ser compreendido em uma perspectiva fluida, como um fluxo consciencial por meio do qual construímos experiências mais ou menos factuais, em termos de gradação. Vejamos outro trecho do texto:

Há alguns anos tentei livrar-me dele e passei das mitologias do arrabalde aos jogos com o tempo e com o infinito, mas esses jogos agora são de Borges e terei que imaginar outras coisas. Assim minha vida é uma fuga e tudo eu perco e tudo é do esquecimento, ou do outro. Não sei qual dos dois escreve esta página.

Somos capazes de construir e integrar diversificados *selves* de forma (inter)subjettiva no processo de construção de nossa identidade. Para isso, temporo-especializamos nossa experiência a partir de um aqui-agora. A produção literária, como dito anteriormente, nos permite potencializar nossas capacidades e operações, deixando emergir em suas criações processos não tão acessíveis nas falas e discursos cotidianos. Fica claro que o texto literário nos permite lançar holofotes sobre aquilo que naturalmente fazemos. Isso não quer dizer que esse seja seu objetivo e finalidade.

Por meio do texto de Borges, podemos construir o desdobramento de sua própria identidade em um Borges-aqui-agora e um Borges-lá-depois-antes, tudo encenado na escrita. Criando uma tensão entre diversos *eus*, somos capazes de compreender quem o Borges que significamos é e não é, a um só tempo.

Momentos diferentes deste artigo buscam perceber como se dá o processo aqui chamado de repartição do *eu*. Como forma de corroborar nossa afirmação, trazemos um excerto de Abrantes (2010), em que a autora investe, baseada na teoria de Edelman (2004), no argumento de que os seres humanos são seres conscientes, e que essa consciência opera no aqui-agora, em uma primeira ‘camada’ do *cognoscere*, para criar níveis conscienciais superiores, extrapolando a experiência factual mais imediata.

[...] consciência humana é a consciência do aqui-agora imediato dos objetos (incluindo outros *selves*) que habitam esse ambiente situado. Além disso, envolve auto-consciência, a consciência de ser consciente. Três aspectos pertencem a esse nível de meta-consciência: o sentimento de um agente da experiência expressada na primeira pessoa (isto é, a representação do *self* como um experienciador, como um sujeito engajado na experiência), o fundamento temporal, que dota o *self* com o sentido de passado e a representação do futuro, e da unidade e da continuidade dessa experiência; e, além disso, a consciência da alteridade, dos outros

selves e de suas consciências nós mesmos (uma mudança de perspectiva do *self* de alguém).¹⁴ (ABRANTES, 2010, p. 10. Tradução livre).

Após a leitura do excerto do texto teórico acima, somos capazes de perceber que, a partir de uma base experiencial empírica, podemos construir cenários os mais diversos possíveis ao temporo-espacializar passados-lá-presentes-aqui-futuros-lá que não são tempos e espaços palpáveis na realidade material, mas que são completamente plausíveis no processo de virtualização desses cenários na produção de sentido frente ao texto, como podemos ver na citação já visitada em parte.

Eu permanecerei em Borges, não em mim (se é que sou alguém), mas me reconheço menos em seus livros do que em muitos outros ou do que no laborioso rasqueado de uma guitarra. Há alguns anos tentei livrar-me dele e passei das mitologias do arrabalde aos jogos com o tempo e com o infinito, mas esses jogos agora são de Borges e terei que imaginar outras coisas. Assim minha vida é uma fuga e tudo eu perco e tudo é do esquecimento, ou do outro. Não sei qual dos dois escreve esta página.

De forma conjunta, criamos com Borges tempos e espaços diferentes do tempo-espaço factual. Isso nos possibilita compreender que os vários Borges construídos por nós, de maneira cooperativa, não são cópia fidedigna do Borges sujeito empírico e não poderiam nunca ser. Não seria, nem mesmo se esse texto literário fosse um depoimento feito ao vivo para nós, pois não há possibilidade de acesso ao outro, ou mesmo ao eu, real/factual/verdadeiro. A nossa única possibilidade é de construção de realidades virtualizadas de nós mesmos e dos outros, que construímos, sempre, colaborativamente.

¹⁴ [...] human consciousness is the awareness of the immediate here-and-now and of the objects (including other selves) that inhabit this situated environment. Moreover, it involves self-awareness, the consciousness of being conscious. Three aspects pertain to this level of meta-consciousness: the feeling of an agency of experience expressed by the first person (i.e. the representation of the self as experiencer, as the subject engaged in the experience), the temporal depth that endows the self with a sense of past and the representation of the future, and of the unity and continuity of this experience; and moreover the awareness of alterity, of others' selves and of their awareness of ourselves (a shift of perspective over one's self).

O texto de Borges é genial de muitas maneiras, mas aquela que escolhemos evidenciar foi a destreza de nos oferecer gatilhos para compreensão, construção e visualização da repartição do *eu*, e consequente criação de diversos *eus/selves*. A construção e compartilhamento de nossa (inter)subjetividade é característica básica de nossa concepção enquanto seres humanos. Poder flagrar esse movimento, a partir do texto literário, permite comprovar a beleza e complexidade da experiência humana no mundo em seu papel de criar sentidos.

A expressão *repartição do eu* reflete de muitas formas essa perspectiva de trabalho, pois demonstra que há uma unidade na multiplicidade. Essa característica de ser o mesmo se modificando não retrata uma ordem hierárquica das operações, mas, antes disso, demonstra a construção de si e dos outros como um fluxo espiral contínuo que precisa, o tempo todo, se transformar para permanecer¹⁵.

Neste artigo, tentamos descrever a maneira como podemos construir significados para o texto de Borges, *Borges e eu*. Com um instrumental teórico do campo da Semiótica Cognitiva, traçamos movimentos e operações possíveis de serem feitos no processo de produção de sentido desse material. À perspectiva aqui adotada e à análise aqui proposta não interessa traçar limites de sentidos possíveis, mas compreender como produzimos os sentidos que produzimos, a partir dos materiais de que dispomos.

Conclusão

Após a análise do objeto em estudo, somos capazes de dizer que a hipótese de que partimos foi confirmada: a escrita literária, como um processo de criação

¹⁵ Outra vez se evidencia o nó metafórico no processo, aqui construído pela imagem do labirinto.

estética humana, por meio de construções de cenas contrafactuais, permite a visualização de representações de fluxos conscienciais que são difíceis de serem flagrados em outros tipos de produção humana. Por meio da investigação, análise e interpretação do objeto em estudo, podemos afirmar que a repartição do *eu*, e a conseqüente construção de múltiplos *eus/selves*, é um dos movimentos realizados no processo de produção de sentido na leitura do texto literário aqui utilizado.

A partir do aporte teórico adotado e por meio do processo analítico, podemos afirmar que a (inter)subjetividade é materializada no texto literário por meio da mobilização de categorias de pessoa, espaço e tempo. Isso corrobora a tese de que a construção do *eu/self* ocorre por meio de um fluxo consciencial que depende da agentividade de um sujeito consciente de ser consciente de si.

A produção estético-literária, nesse sentido, materializa e evidencia processos cognitivos e, também, discursivo-cognitivos de construção e encenação de si e do outro, que ocorrem de forma ordinária na vida de todo ser humano. Apesar de tornar visível aquilo que acontece rotineiramente na experiência humana, a Literatura, por meio do seu modo de fazer, partilha o sensível, traçando mapas possíveis do existir humano. Projetar-se, projetando o outro, em um texto literário, nos permite construir pontos de vista muitas vezes inacessíveis por caminhos menos poéticos e metafóricos. Tal postura analítica desloca espaços dados como excludentes possibilitando a percepção de outras formas de estarmos juntos na construção de espaços de convivência e empatia.

Referências

ABRANTES, Ana. *Poética Cognitiva: o que a literatura revela sobre a mente humana*. In: IX Conferência de Linguística e Cognição/ANPOL/PUC Minas, Belo Horizonte - MG, 23 a 25 de outubro de 2019. p. 1-3.

ABRANTES, Ana. Consciousness and self in language: A view from cognitive semiotics. *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas: Aprendizagem e Semiótica Cognitiva*. São Paulo, n. 4, p. 7 - 24, jul. - dez. 2010.

BENVENISTE, E. *Problemas de linguística geral I*. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Pontes/Editora da Unicamp, 1988[1966].

BORGES, Jorge Luis. *Obras completas II*. Santa Catarina: Editora Globo, 2000.

BRANDT, Peer A. *Spaces, Domains, and Meanings*. Bern: Peter Lang Verlag European Academic Publishers, no 4, 2004.

BRANDT, Peer A. The mental architecture of meaning. A view from cognitive semiotics. *Revista digital de tecnologias cognitivas*. 2010, n.4, p. 25-36, julho 2010.

BRANDT, Peer A. *Thinking and language. A view from cognitive semiolinguistics*. 2009. Em: https://www.researchgate.net/publication/226155542_Thinking_and_Language. Acesso em: 28/08/2019.

BRANDT, Peer A. Os prolegômenos de Saussure: rumo a uma Semiótica da mente. *Linguagem e Cognição: desafios e perspectivas contemporâneas*. (Org.: Sandra Cavalcante e Josiane Militão), Campinas/SP: Mercado de Letras, 2019. p. 79-102.

135

DONALD, Merlin. Art and Cognitive evolution. In: TURNER, Mark (Ed.). *The artful mind: Cognitive Science and the Riddle of Human Creativity*. New York: Oxford University Press. 2006. p. 7-20.

EDELMAN, Gerald (2004). *Wider than the Sky: A Revolutionary View of Consciousness*. London: Penguin.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. Trad. ... In: COSTA LIMA, Luiz (Org.) *Teoria da literatura em suas fontes*. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MACIEL, Maria Esther. Vertigens do paradoxo. In: NOVAES, Tiago (Org.) *O autor como leitor*. São Paulo: Edições SESC, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Trad. de Mônica Costa Neto. São Paulo: Editora 34, 2005.

RAYAN, Marie-Laure. 2010. *Narratology and Cognitive Science: A Problematic Relation*. *Style* 44, no. 4: 469-95.

SOUZA, Eneida Maria de. *O século de Borges*. 2ª. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

Recebido em: 31 de julho de 2020.
Aprovado em: 28 de outubro de 2020.